

AGORA
é que **são**
ELAS

Nº 1

JORNAL DO CIRCULO DE MULHERES BRASILEIRAS

editorial



Bem, aí esta o nosso primeiro número do Jornal do Círculo de Mulheres Brasileiras. Por muito tempo vimos discutindo a sua importância, de como fazê-lo. E não faltaram propostas de todas as companheiras, alguns numeros Zeros,... enfim, várias tentativas.

Foi elaborado um projeto para o Jornal, que podemos dizer, ainda não responde a tudo que pretendemos. Inclusive, o nosso Jornal deverá avançar com o nosso trabalho, expressando os passos concretos dados pela prática do Círculo e do nosso movimento.

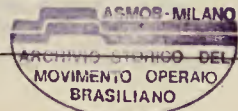
Achamos porém importante tirar o número 1, para sentirmos mais de perto, o que de fato significa produzir o Jornal, qual a dedicação e o tempo necessários e as dificuldades materiais, etc.... O importante porém, será através dele, discutirmos em todo o Círculo, como será o número 2; como cada sub-grupo poderá contribuir diretamente; como ele poderá ser um meio de socializar as nossas experiências. E mais, como nosso jornal servirá de tribuna para nossos debates.

Afora isto, já avançamos concretamente nas ligações com o movimento de mulhe

res e grupos feministas no Brasil. Estas companheiras nos cobram respostas e contribuições para o seu trabalho. Por outro lado, elas nos colocam problemas que precisamos pensar, e que contribuem com a nossa prática. E para isto, o Jornal é um instrumento importante de comunicação que vai mais longe do que nós, e atingirá companheiras que não conhecemos.

Por tudo isto, achamos que era hora de sair o nosso jornal. Seu nome? Um problema! Acabou sendo escolhido entre aqueles que foram propostos e enviados. A estrutura das seções pretende se ligar aos acontecimentos principais do nosso movimento, podendo surgir ou desaparecer, na medida em que estes acontecimentos passem a ocupar um papel diferente em nossa luta.

Como publicação, pretendemos fazê-la a mais interessante possível, com recursos que sabemos ainda muito limitados. Mas esta situação deverá mudar. Agora sua saída é a questão fundamental. De resto, tanto o movimento feminista e nós mesmas, teremos muito a contribuir para aperfeiçoá-lo.





Faint, illegible text in the bottom left quadrant, possibly a list or a series of short paragraphs.

Faint, illegible text in the bottom right quadrant, possibly a list or a series of short paragraphs.



papeando

IMPrensa FEMINISTA:
colocar no papel uma
concepção do movimento



Na hora de bolar o 1º número do nosso jornal, de resolver que tipo de imprensa queremos e precisamos, pensamos em buscar na experiência das companheiras francesas, elementos para aprofundar esse debate e nos ajudar a chegar a uma definição.

Procuramos então a Sophie do coletivo de redação do Temps des Femmes, que participou também do "Pétroleuses" e do "Info de Femme". Chegando lá, tivemos algumas surpresas: o Temps des Femmes se dividia, acabava, outros jornais iam surgir; o debate fervia: o que é um jornal feminista, qual seu papel, como colocar no papel, sob forma de artigos, entrevistas, dossiês, agendas, etc., uma concepção do movimento.

O Temps des Femmes não saiu durante 7 meses, devido à crise do coletivo de redação, e agora, em março, sai finalmente o nº 4, último número do Jornal. "A experiência coletiva do Temps de Femmes, incarnada por toda a equipe de redação está hoje esgotada e para refletir e avançar, é em dois grupos distintos que nos encontramos. Isto não é necessariamente um fracasso". Nós discutimos duas vezes com a Sophie e Marie, uma outra companheira do Temps de Femmes, lemos a revista, participamos de um debate extremamente enriquecedor..., tivemos muitos pontos de identificação, nos reconhecemos como "circulantes" em muitas discussões desse coletivo e achamos importante introduzir esse debate no Círculo, hoje. Começamos com esse papo com elas e com uma dica: leiam no nº 4 do Temps de Femmes os artigos dos dois grupos: "Il était une fois un petit navire...vers quel port... fragments" e "Sous les pavés, la page" (Sophie e Marie fazem parte do segundo).

Quais foram as principais questões que polarizaram e acabaram por dividir o Temps des Femmes?

A discussão no nosso grupo partiu da oposição sobre coisas muito precisas do jornal: jornal de informação ou revista de reflexões?; jornal para o grupo, suas dúvidas, ou jornal para fora, para confrontar o grupo com outras experiências e com a prática social do movimento? manter rubricas regulares que acompanhem as experiências e lutas das mulheres em diversos campos ou dar mais espaço para dossiês que aprofundem um ou dois temas? Mas a partir desses pontos, chegamos a concepções diferentes ou relativamente diferentes sobre o movimento, o momento que ele vive e a caracterização das dificuldades que vem enfrentando.

Nós estamos todas de acordo que se passa por um momento difícil; que existem contradições e insuficiências. O pro

blema é que nós não as vemos nos mesmos lugares. Não há o mesmo desejo de se confrontar com outras realidades sociais, e não ha talvez nem o reconhecimento da ausência desse desejo. Se hoje, não chegamos a um acordo sobre um projeto de jornal é porque se sente o feminismo e o movimento de mulheres de modos cada vez mais distintos. Se não damos mais a mesma importância às mesmas preocupações é porque fora do jornal nossos olhares não vão mais na mesma direção.

Vocês falaram em sentir o Movimento de modos cada vez mais distintos. Para vocês, a quantas anda o movimento de mulheres?

O que tentamos explicar é que para nós é muito sufocante o fato de que o movimento permaneça ainda hoje muito carac



terizado pelo que a gente é - pequena-burguesia intelectual radicalizada. Isso é útil historicamente, tem um papel às vezes muito importante durante um período. Mas, se durante 10 anos a pequena-burguesia intelectual radicalizada fica entre a pequena-burguesia intelectual radicalizada, até a gente individualmente sente isso como fraqueza do movimento.

Para as companheiras é obreirismo, é o velho esquema: onde não há operárias, não é válido o trabalho; para que a luta seja importante, basta haver operárias.

Não é isso que pensamos, não há uma mistificação da operária, da mulher trabalhadora, de pessoa mais explorada da sociedade, de modo moral e prático. O que há é que ressentimos hoje muito claramente que isso está ligado à recuperação possível de alguns aspectos do feminismo pela sociedade liberal.

Nós estamos certas que, para que essa transformação social do movimento aconteça é necessário ultrapassar a incapacidade de mudar realmente alguns aspectos concretos da situação da mulher, indo além da denúncia ideológica.

O movimento está muito centrado naquilo que chamamos de ideológico, com ações práticas ainda restritas, arriscando-se a ser apenas um agente de modernização do capitalismo, sem atacar suas raízes profundas.

Saber a quantas anda o movimento de mulheres é muito importante para nós. Daria para aprofundar um pouco mais sobre a situação francesa?

Hoje o sistema capitalista se esconde atrás de um discurso dominante liberal e mais modernista, mas se desmascara pelo plano Barre, pela política de austeridade, pelo desemprego, pela restrição dos equipamentos coletivos, etc. Há uma distância incontestável entre esse discurso e uma orientação econômica e social que não é de modo algum a da abundância e dá margem de manobra para todo mundo. Há um liberalismo no sentido estrito que se põe em marcha e que coloca novos problemas para o movimento. É cada vez mais seletivo o acesso a este novo modo de vida preconizado no discurso liberal (por exemplo: a informação e o acesso ao aborto e à contracepção). É a seleção pelo dinheiro, a seleção ao máximo. Se nesta situação o movimento permanece um movimento de idéias, ele é perfeitamente recuperável pelo sistema.

Neste caso o movimento cumpre o papel de renovar o estoque das idéias dominantes, para consumo daqueles que já tem margem de manobra, que já tem acesso às vantagens do sistema. Mas sem nenhuma mudan-



ça fundamental para as mulheres mais exploradas, e então sem nenhuma vantagem para a maioria das mulheres.

Que saída vocês estão vendo?

De um ano pra cá (desde sempre, mas de um ano pra cá é mais evidente) há índices de uma emergência diversificada do feminismo. Não do movimento no sentido estrito...

E pode ser que tenhamos justamente uma visão demasiado estrita do movimento... Mas como estava dizendo, é certo que nos sindicatos há coisas que acontecem de 2 anos para cá. Emergem lutas, ações, organização de mulheres. Talvez não se chamem grupos de mulheres, pouco importa... são coisas que estão acontecendo, algo se passa por aí...

As mulheres do PC e do PS, os grandes partidos da esquerda tradicional, que se mostram um muro de pedra a estas questões de repente explodem. Um grande número dessas mulheres vieram para os grupos de mulheres, o que de qualquer modo, é uma ruptura da disciplina. Isso tudo não é suplementar... E há o caso do Autrement Dites, de mulheres do PC, que escreveram um artigo para o Le Monde e se apresentaram como uma nova componente do movimento autônomo.

Tudo isso prova que, mesmo tendo divergências em alguns pontos, há uma renovação e um alargamento potencial do movimento e novas questões que nós teremos que responder, ou teremos uma derrota política, nos isolaremos, cada uma no seu canto até o esgotamento. Sim, porque se não encontramos respostas, se não conseguimos uma correlação de forças favorável às mulheres, é o esgotamento.

E o Jornal nisso tudo?

O que nos interessa é investigar esta diversidade do feminismo que ocorre hoje. O movimento cresce, fica mais difuso, outras mulheres, outras forças começam a atuar. O jornal é um modo de contribuir.

Para nós, a vida de um jornal é, antes de tudo, os laços múltiplos que ele é capaz de tecer entre aqueles que o têm e que o alimentam de notícias. Mas é tam



oém os laços que ele favorece, porque um endereço, uma reportagem, podem dar uma idéia, permitir que mulheres se encontrem, façam coisas juntas. Daí a importância de elementos práticos: endereços, informes jurídicos, etc. Um jornal pragmático, útil às ações coletivas, sem as quais nada muda de fato.

Precisamos buscar pontos de junção conjunturais e permanentes, para ligar de modo vivo, ofensivo, a riqueza do que se vive e se reflete de modo esparsa. Não há receita. Somente a convicção de que é necessário pesar concretamente cada vez mais forte.

Beti / Eliana

5

CAMPANHA INTERNACIONAL DO ABORTO



✚ A luta pelo Aborto livre e gratuito, por métodos contraceptivos seguros e contra os planos de controle da natalidade, combinados em muitos países latino-americanos com a esterilização forçada aplicada junto a setores pobres, atingindo um número significativo de mulheres em nosso continente, é o tema básico deste artigo.

A Campanha Internacional pelo Aborto está aí, com grandes contradições internas entre os grupos participantes. O dia 31 de Março será o dia Internacional do Aborto. Ainda neste jornal, publicaremos outros aspectos desta campanha e outras contribuições sobre o assunto.

Vejam os poréns nossa contribuição e das companheiras latino-americanas, que reunidas numa Jornada em Paris, nos dias 10 e 11 de fevereiro, significou um passo importante para o fortalecimento do nosso movimento de liberação da mulher.



Encontro dos grupos

✚ O Encontro dos Grupos de Mulheres Latino-americanas, realizado nos dias 10 e 11 de fevereiro em Paris, reunindo companheiras da França, Inglaterra, Bélgica e Luxemburgo, teve não só como objetivo a troca de informações sobre a situação da mulher latino-americana, mas também trazer algumas linhas de ação comum, no sentido de fortalecer a luta de nossas companheiras pelos seus direitos, mesmo os mais elementares. Este Encontro também contribuiu ainda mais para o fortalecimento do Movimento de Libertação da Mulher em nosso continente, objetivo com o qual estamos comprometidas.

O problema da prática do Aborto é uma realidade em nosso continente. Devido a repressão que sofre, se dá em condições médicas e sanitárias extremamente precárias, que provocam uma taxa enorme de morte entre as mulheres. Além de unir os nossos esforços na luta pelo Direito ao

Aborto livre e gratuito, em boas condições para a saúde da mulher, foi discutido os planos de controle da natalidade e o uso abusivo de métodos contraceptivos, que antes de serem produzidos industrialmente, são experimentados largamente em nosso continente. Com isso, a América Latina, e no caso, as mulheres latino-americanas se prestam de cobaias para experimentos cujos riscos desconhecemos.

Foram questionados os planos de controle da natalidade, cujas contradições são frutos da política imperialista em nosso continente. Independente da oposição da Igreja Católica, cuja importância é considerável em nosso continente, Organismos internacionais, alguns deles ligados aos próprios governos, desenvolvem amplas distribuições de pílulas e outros métodos, sem dar nenhuma orientação médica para as mulheres. Isto sem falar na utilização da esterilização forçada, com total desconhecimento das mulheres, visto que todas estas iniciativas dirigem-se fundamentalmente as mulheres oriundas das classes pobres. O quadro apresentado nos relatórios elaborados sobre a situação em cada país apresentado, e que compõem o Dossiê do Encontro, é ilustrativo desta situação denunciada no Encontro.

Também foram importantes as conclusões que tiramos com respeito a necessidade urgente de combatermos a ignorância das mulheres com respeito ao seu próprio corpo como a chamada "educação sexual", que é desenvolvida em diversos países, e que se apóia tanto na manutenção de tabus em relação a medicina e ao "poder médico", como no plano da moral, impede as mulheres seu direito básico ao conhecimento de seus próprios corpos e de optarem ou não pela maternidade.

O fortalecimento do movimento de mulheres, o papel dos seus setores avançados organizado no Movimento Feminista, no sentido de um trabalho de conscientização; a luta pelo desenvolvimento de métodos contraceptivos controlados, assim como a prática do aborto em condições seguras para a saúde da mãe, tanto física como psicológica, são reivindicações que julgamos ter avançado neste Encontro.

O Fortalecimento do nosso movimento, é um fator fundamental para a luta contra a ideologia dominante e contra todos os aparatos da sociedade de classe como a Igreja, a família e a moral burguesa que tudo fazem para submeter a mulher a um papel de mera reprodutora. Ao assumirmos hoje a luta por estas conquistas, estaremos dando passos significativos rumo ao objetivo da Libertação da Mulher.



Os debates realizados demonstraram a todas companheiras presentes, que as causas fundamentais da prática do aborto na América Latina se devem às condições socio-econômicas a que está submetida a maioria da população em nosso continente.

Diante da miséria em que vive a maioria das famílias, são porém as mulheres que enfrentam mais diretamente o problema colocado por um novo nascimento. E na maior parte dos casos ficam sozinhas no que diz respeito a decidir por outra gravidez, quando já não encontram meios de sustento para os filhos que já nasceram.

Portanto, mesmo diante da ilegalidade da prática do aborto, dos riscos que correm quanto a saúde, que na maior parte das vezes ignoram, recorrem a todos os meios que dispõem para abortar. E enfrentam os sentimentos de culpabilidade, frutos da ideologia dominante e da pregação da Igreja, usando métodos artesanais geradores de graves infecções (como os citados nos relatórios do Dossiê do Encontro), o que acaba por levá-las as "partejas" ou "fazedoras de anjinhos", ou em casos mais sérios, para clínicas clandestinas ou hospitais, quando são atendidas para não morrerem. Isto não impede as cifras elevadas de mortes entre mulheres que variam entre os informes e relatórios apresentados sobre os diversos países estudados, em 30 a 60%, causados por interrupção da gravidez. A ilegalidade da prática do aborto em todos os países latino-americanos, além de não ser impeditivo para esta prática, encontra inclusive apoio entre alguns setores médicos, que se beneficiam disto para explorar clínicas clandestinas. O fato destas clínicas permanecerem abertas por anos, comprova que existe certa proteção às mesmas, que seus lucros interessam, enfim.

As cifras alarmantes que são colhidas em hospitais públicos, impede-nos inclusive de mensurar com exatidão o problema. Desconhecemos o número de mulheres que morrem em clínicas clandestinas, as que morrem após deixá-las, o número de crianças que morrem por falta de alimentação, afóra aquelas que são abandonadas nas portas das clínicas. O desespero de mulheres que recorrem ao aborto para manterem seus empregos, ou os exames que passam depois por assumir uma gravidez.

Todos estes problemas, que sensibilizam parcelas da população, continuam porém sem respostas, ou na maior parte das vezes, são colocados como problemas de responsabilidade das mulheres.

Nossos debates porém consideraram as dificuldades reais que temos no sentido

de levar nossa luta até nossas companheiras latino-americanas. Mas estas dificuldades não foram tomadas como obstáculo a que nós devíamos nos curvar.

É importante destacar da declaração comum firmada no Encontro, as exigências que formulamos:

- A exigência de uma informação e educação sexual não mistificadoras das funções reprodutoras e o acesso real aos meios cientificamente comprovados e controlados de controle da natalidade;
- O direito ao aborto legalizado e gratuito, praticado em condições que não atenuem contra a saúde física e mental da mulher;
- O rechaço a toda forma de violência sexual ou que impeça a mulher de desfrutar de seu corpo.



Manifesto do papa

Assim disse o Papa João Paulo II:

"Esta Pastoral é bem mais importante, porque a família é objeto das maiores ameaças. Pensem nas Campanhas em favor do divórcio, do uso de práticas contraceptivas, do aborto, que destroem a nossa sociedade" (Le Monde 30/1/1979)

O Manifesto elaborado no Encontro é importante, por destacar que "fomos agredidas pelas drásticas declarações do Papa na América Latina". E analisa com correção, que, depois da derrota da Igreja Católica tanto na França como na Itália, onde não pôde impedir a legalização do aborto, se lança agora, com uma verdadeira campanha mundial, contra a nossa liberação e a penetração cada vez maior de idéias avançadas e revolucionárias, que questionam o domínio ideológico da Igreja, "representante dos interesses patriarcais e de classe".

Reafirma que devemos rechaçar e denunciar o caráter desta agressão, e que em nosso combate contra a opressão sexual, a luta pelo direito ao aborto, a contracepção e ao divórcio, são reivindicações indispensáveis desta etapa de luta pela nossa liberação, ja que é sobre o domínio e controle da nossa capacidade reprodutora que se construiu e se sustenta nossa opressão. Não mais aceitamos ser confinadas à função reprodutora, em que nos é negado o direito de decidir, o direito de dispormos de nosso corpo e da existência de nossa sexualidade. "A Igreja, foi e é a principal propagadora de uma política e de uma ideologia repressivas, que nos converteram em "EVAS", portadoras do pecado no que diz res

neito ao nosso corpo e em "MARIAS", deusas da virtude, da virgindade e da fertilidade enquanto "mães".

Precisamos deixar claro para todas as mulheres latino-americanas o significado econômico e social da viagem do Papa para Puebla, na América Latina, um dos redutos mais importantes do imperialismo e onde se concentra 43% da população católica do mundo. Isto, num momento em que a Igreja passa por uma séria crise e em seu interior se levantam vozes que exigem sua adequação a realidade atual. Portanto, trata-se de aferrar-se a este continente, tradicionalmente fiel a Igreja, para reafirmar sua autoridade e coesão. E as razões disto são claras, visto que os movimentos de libertação que surgem ali são perigos tanto para ela, como para a dominação imperialista.

Porisso, a Igreja fecha os olhos para a existência de mais de 800 milhões de pessoas que vivem em condições sub-humanas.

É nesta situação, que o Vaticano se coloca como o paladino da defesa dos direitos da vida (humanos), pretendendo canalizar um movimento social cada vez mais radical, antes que este transborde, o que obrigaria a concessões concretas. E com isso une-se a política imperialista, reafirmando a dominação burguesa e patriarcal, através do apêlo a defesa da família.



8



As afirmações do Papa ignoram um fato concreto: a existência do aborto na América Latina, apesar de legalmente proibido, e não considera as cifras que demonstram que 90% das mulheres que o praticam são católicas. Ao mesmo tempo não faz nenhuma alusão às campanhas de esterilização forçada nem a laboratórios multinacionais que usam as mulheres latino-americanas como cobaias. Enfim, pergunta o Manifesto:

"Que vida defende o Papa?"

O Manifesto conclui por fim: "Por tu do isto, pelos milhares de homens e mulheres que morreram na luta e na tortura, pelas milhões de crianças que não conhecem a vida senão como sinônimo da fome, nós, como parcela de milhares de mulheres, lutamos por nosso inquestionável direito de resolver quando seremos mães, sobre nosso corpo, sobre nossa sexualidade. Reafirmamos que continuaremos combatendo pelo aborto, pela contracepção, pelo divórcio; contra a instituição da família burguesa, para alcançar, junto a todos os que lutam contra as raízes de toda exploração e opressão, o legítimo e autêntico direito a vida numa sociedade livre, sem opressão de raças, de classes e de sexos".

Por um aborto e contracepção livre e gratuito



A participação das mulheres brasileiras no Encontro, através do Círculo de Mulheres Brasileiras de Paris não só expressou nossa consciência de que as reivindicações levantadas são justas e nos concerne, como expressam hoje, conquistas importantes no caminho da libertação da Mulher.

O documento apresentado no Encontro, e aprovado em Assembléia Geral do Círculo (e que consta do Dossiê do Encontro), reafirma e enfatiza as reivindicações apresentadas por outras companheiras latino-americanas. Mesmo assim, é importante destacar algumas de suas afirmações, que serviram ao enriquecimento do debate realizado entre nós. Diz o documento:

"O dia a dia não nos faz naturalmente perceber a que serve a nossa ignorância e alienação de nosso próprio corpo. A ignorância é um dos instrumentos de que o imperialismo e a sociedade patriarcal se utiliza para o desenvolvimento de sua política de controle da natalidade. E mesmo a informação pura, sem a tomada de consciência, pode ser manipulada, seja quando somos estimuladas com prêmios em dinheiro a produzir filhos ou quando ten



ta nos convencer que para diminuir a mi-
séria social, devemos reduzir o número
de filhos"....



"O que esta no fundo destas reflexões,
quando nós as fazemos em conjunto com ou-
tras mulheres é a nossa sexualidade vivi-
da de forma mais reprimida e miserável.
Esse nosso sexo que não é nosso, que foi
sempre utilizado no sentido da reprodu-
ção, estimulando-a ou tentando reduzi-la.
Essa sexualidade que para nós vem sempre
ligada a culpa sem que saibamos bem por
que. É neste clima de culpabilidade, re-
pressão e miséria, nessa vivência sexual
empobrecida e profundamente infeliz, que
nós conhecemos o aborto no Brasil".

Mais adiante, o documento aprofunda
a situação de angustia da mulher frente
a uma gravidez inesperada, tanto sua co-
mo de outra mulher conhecida. São levan-
tados os fatores econômicos e sociais, mo-
rais e religiosos que muitas vezes aca-
bam por realmente decidir por nós. Assim
como a situação se coloca para a mãe de
uma família pobre, que não vê como garan-
tir a sobrevivência dos filhos que já ex-
istem, também se coloca diante da possi-
bilidade da perda do emprego, num país
em que a mulher não tem de fato nenhuma
garantia dos patrões, que as dispensam,
para não arcarem com os ônus da legisla-
ção com respeito a maternidade. Esta si-
tuação também se coloca para a mulher que
precisa assumir sozinha a maternidade, e
tem de enfrentar a família, os amigos.

Falando sobre o aborto e a contracep-
ção que nós queremos hoje, afirma: "Assu-
mir a contracepção vai ser a nossa pri-
meira forma de dizer que não aceitamos ma-
is a sexualidade reprimida, que nós te-
mos um corpo que nos dá prazer, que res-
ponde a sensualidade das relações, da vi-
da, e que isso não se enquadra em regras,
em leis de autoridade. Esse assunto
vai ser o primeiro passo no sentido de
desfazer na prática a implicação obriga-
tória entre o nosso sexo e a reprodução,
para que aí então, possamos nos colocar
mais livremente a pergunta: eu quero ou
não ter um filho? Se mesmo assim a gravi-
dez vier de surpresa, já que os métodos
contraceptivos não nos garantem em cem
por cento, nós sabemos que é possível a-
bortar por um método seguro, simples, sem
nenhuma agressividade particular"....

E conclui, que será da força do nos-
so movimento, que estas conquistas se da-
rão de fato. "Com a força do nosso MOVI-
MENTO DE LIBERTAÇÃO DA MULHER nós vamos
ocupar o nosso espaço social e tomar ati-
vamente posições contra toda a forma de

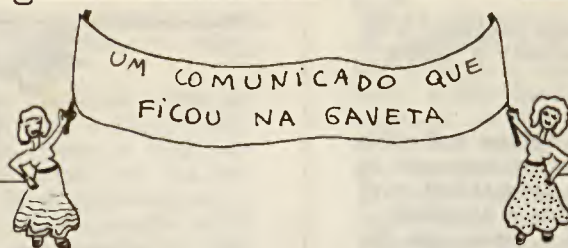


opressão nessa sociedade. Vamos ter voz
para somar aos que lutam contra as rai-
zes de toda a exploração e opressão".



O Encontro dos Grupos de Mulheres La-
tino-americanas foi sem dúvida um momen-
to muito rico em nossa luta. Serviu para
nos aproximar ainda mais, mostrando mais
uma vez que as fronteiras de nossos paí-
ses não significam nada no que diz res-
peito a nossa opressão. Este artigo bus-
cou expressar no geral os conteúdos dos
debates e apoiou-se nos documentos que
formam o Dossiê do Encontro:

- EL ENCUENTRO DE LOS GRUPOS DE MUJERES LATINOAMERICANAS EN PARIS Y LA CAMPANA POR EL ABORTO - documento geral
- MANIFIESTO DE LOS GRUPOS DE MUJERES LATINOAMERICANAS CONTRA LAS DECLARACIONES DEL PAPA EN PUEBLA
- Relatórios sobre a situação do Aborto nos diversos países:
 - Situación en el Uruguay
 - El aborto en Venezuela
 - Por el aborto y contracepción en el Peru
 - Colombia: Aborto-Contracepción-Esterilización forzada-Educación sexual
 - México - informe de la Comisión Mexico
 - Brasil - Por um Aborto e uma Contracepção livre e gratuita (Círculo de Mulheres Brasileiras de Paris)



Pois é. Estávamos bastante animadas ao tomar o trem rumo à Barcelona. Vínhamos acompanhando as reuniões que preparavam o Encontro Internacional sobre o Aborto e a Contracepção. Tiramos um documento, formulamos propostas conjuntas com as latino-americanas para melhor intervir, pegamos na câmera e subimos no trem. A expectativa era tal, que cada mulher que cruzávamos tornava-se um rosto que certamente reveríamos no dia seguinte durante a reunião.

A realidade, entretanto, contrastou bastante com as nossas previsões. Sem entrar no detalhe, vale recolocar aqui o que deu a tônica ao encontro, para refletirmos um pouquinho sobre a forma como temos atuado, externa e internamente.

O encontro, de internacional, quase reduziu-se a eu ropeu, não fosse a presença da América Latina. Não houve debate sobre as dificuldades do encaminhamento da campanha neste ou naquele país. Nossa representatividade foi questionada sem que ninguém, exceto nós mesmas, tenha identificado tal atitude como anti-democrática. A partir daí, nossa intervenção se deu de forma meramente burocrática, mostrando o total desinteresse que havia em relação ao problema da mulher latino-americana. Por outro lado, foi positivo termos participado da entrevista coletiva cedida pelo ICAR à imprensa espanhola, pois tomamos a palavra e expusemos as denúncias que tínhamos a fazer, sobretudo em termos da política natalista que vem sendo imposta às mulheres do Terceiro Mundo.

Mas era isto o que deveria prevalecer na nossa ida à Barcelona, enquanto participantes da campanha? Ou seria a discussão das formas efetivas que a campanha vinha tomando e da solidariedade necessária para fortalecê-la nos países onde reivindicações como "ABORTO E CONTRACEPÇÃO LIVRES" e o "DIREITO AO PRAZER" começam, timidamente apenas, a inscrever-se na consciência das mulheres que vêm lutando contra sua opressão?

Diante desses fatos, de volta à Paris, nos reunimos com as latino-americanas para uma avaliação conjunta do que acontecera em Barcelona. Consideramos que a melhor forma de agir, a mais política, seria enviarmos um comunicado ao ICAR e à imprensa feminista, apontando nossas divergências com a orientação da campanha, e questionando as fronteiras que se antepõem à nossa solidariedade.

O comunicado depois de pronto, circulou em todos os sub-grupos do Círculo, para ser discutido, e a- ou re-

Onde é que ficamos? Pra variar, na inoperância. Internamente, embora o comunicado tenha circulado,

não chegamos a discutí-lo. Ele acabou sendo lido no almoço ' do sábado - cuja finalidade era arrecadar um dinheirinho pra' cobrir os gastos com as passagens de ida e volta à Barcelona - como proposta. Só que foi a partir de uma proposta e não de uma definição clara do Círculo que a discussão acabou-se enredando. E se enredou tanto que criou muita confusão: como du as companheiras sugeriram que o comunicado fosse assinado pelas companheiras que foram à Barcelona, ninguém mais tomou a iniciativa de defendê-lo como comunicado do Círculo, ele acabou não sendo enviado, enquanto muita gente pensava que já tinha seguido.

Isto só vem demonstrar que nosso funcionamento interno continua ruim. Mesmo sem uma Assembléia, os subgrupos ' poderiam ter votado o envio do comunicado, e seus termos. Se isso não se deu, é porque não temos claro até hoje como devemos funcionar. Alguém levanta uma crítica, e tudo pára, todas nos embananamos e é impossível prosseguir. Em se falando de democracia, temos muito a aprender.

É esse embananamento que faz com que apareçam propostas do tipo: "Quem foi, assine", o que questiona a credibilidade das companheiras que atuam representando o Círculo, além de, objetivamente, enfraquecê-lo enquanto organismo político. O modus vivendi acaba sendo: "Se há divergências, cada um que se defenda sozinho".

Externamente, optamos pela marquise. Ficamos esperando a campanha passar pra então discutirmos sobre ela. Nas maiores mancadadas: ficou patente que estamos bastante afastadas de outros grupos de mulheres do Terceiro-Mundo, já que nem sabíamos que elas não participavam da Campanha. E esse vínculo é necessário. Segundo, não levamos a luta política de forma conseqüente dentro do movimento pois as críticas que levantamos não tiveram ressonância junto ao ICAR. Essa incapacidade flagrante em intervir politicamente levou a que nos omittíssemos também na prática: sem termos abandonado a Campanha, abandonamos a participação no 31 de Março, data fixada para as manifestações nos diferentes países. Mas cabe aqui uma outra pergunta: será que participar é sair pelos bulevares com cartazes e faixas, entoando palavras de ordem?

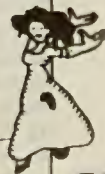
Qual foi o reflexo pra dentro do Brasil dessa Campanha Internacional, da qual nós, Círculo de Brasileiras, participamos?

Qual foi o empurrãozinho que demos pra pôr abaixo ' essas "metrópoles feministas" que vão-se criando porque nos - sas lutas se dão em estágios diferentes?

É preciso incentivarmos ao máximo uma prática unitária, evitando soluções de grupos ou indivíduos. Senão, pra que nos organizarmos?

É preciso refletir sobre o caráter de campanhas internacionais, ou melhor das contradições que se colocam. O Irã tá aí mesmo: um Comitê Internacional de Defesa foi criado, não se sabe por quem, nem pra quê. E nós nisso tudo?

Grupo Boletim



11

Recordándote Manita

Hace unos días
lavaba pequeñas ropitas con agua fría
mis manos dolían, dolían,
viniste a mi memoria como siempre
rapidita, dulcemente
y te amé mas aun mujer lejana
mujer sufrida, Mamá.
Me acuerdo de las bolsas de ropa limpia
que nos mandabas al internado,
de tu alergia al jabón, de tus heridas,
de tus ojeras profundas, de tu mal humor,
de la batea y su espuma.

Como no recordar también
tu ternura escondida, tus sonrisas alegres,
tu espera de las vacaciones, tu amor.
Me acuerdo del frío invierno nortino,
de la camanchaca bajando por las quebradas,
de las añanucas misteriosas, de los cactus,
de los lirios multicolores,
de la mina polvorienta

y de la pulperia donde trabajabas.
Me acuerdo de como cuidabas tus plantas,
tímidas verduras de desierto,
tu las regabas y las protegias del sol.
Me acuerdo como eras la enfermera
de los pájaros que los niños te llevaban,
inquietos gorriones de patitas y alas
quebradas que despues liberabas.

Me acuerdo de tus silbidos cansados
mientras tendias en las sogas de alambre
dialogando con tus canarios.

Del lagarto que fue tu amigo,
tu tegias al sol interminables chalecos,
el te observaba y tímidamente
un día llegó a tu lado,

tú le acariciaste las patitas,
nos contabas de tu pena al no verlo mas
cuando al llegar el frío fue a invernar,
esperabas que al proximo sol volveria
con una lagarta y sus lagartitos.

Vieja querida!
Me acuerdo también de tus exigencias
de mi revuelta,

del absurdo que siempre fue
que nosotras las hermanas
fregáramos ollas, peláramos papas
mientras justo al lado de la cocina
los hermanos jugaban.

Eso yo no lo aceptaba callada
decia que no era justo secar platos
mientras ellos no hacian nada.

Para ti era natural, es natural,
te lo enseñaron natural.

Me acuerdo que nunca lloré
cuando me pegabas, que me sentia fuerte
que te desafiaba con la mirada



y te lanzaba a la cara:
Si tienes problemas en el trabajo
no te desquites en la casa.
Tú me llamabas la rebelde
la obeja negra de la familia,
orgullosa, intrusa,
la mimada de los abuelos
y tenias celos de mi amor por ellos.
Te gritaba herida, enojada
que haber tenido mas juguetes
no era mi culpa,
no comprendia entonces
que obreros teniendo hijos año a año
sólo pueden quedar contentos
con una boca menos que alimentar.
Era rebelde entonces, es cierto,
y ahora mas que nunca lo sigo siendo.
Aborto es un crimen te enseñaron mujer
y fuiste la madre soltera
de mi hermana mayor; te casaste
y despues vine yo, la legitima,
palabra tan estúpida como bastardo.
El aborto sigue siendo un crimen
para los señores uniformados
que te gobiernan,
maldito moralismo, hipocrecia,
que condena a las mujeres
a una sexualidad culpable,
a ser victimas sumisas
cargadas de barrigas llenas
de tristes infancias.
Me acuerdo del odio de todos
al hombre que dejó tu vientre lleno
y pequenas vocecitas pegadas a tus faldas.
Me acuerdo haberte dicho siempre
que si ustedes no se amaban mas
esa separación era lo mejor para ti
que estabas mejor sin él
y nadie entendia entonces
que lo cierto es que no lo odiaba,
reconocia su irresponsabilidad
y a pesar de todo no lo odiaba,
sólo eso, simplemente.

Ustedes después de esa tormenta
hicieron caminos mejores, serenos,
él tiene tres hijos, los hermanos,
y una compañera buena
como el hombre que tu tienes
y a pesar del tiempo,
de la vida transcurrida,
de sus ojos caen lagrimas
cuando habla de nosotros,
de los tuyos chispas de odio
cuando le nombras,
y a pesar de entender el porqué
de tu rencor, de tu despecho
pienso que deberían algún día,
tranquilos y sin odios
tratar de hablar de aquello.
¡Tu debiste sufrir mucho mujer!
Me acuerdo de tu compañero
hombre bueno, nortino, moreno.
El que adoptó los hijos tuyos
a quien el fantasma del otro hacia mal
a fuerza de estar presente en el odio,
tu amor transformado en eso.
Te culpaban los comentarios, las envidias,
te decían que eras una puta
por tener en tu casa
un hombre que no era tu marido.
¡Malditos prejuicios!
¡Maldita moral!
Todo el mundo sabía
que fue él quien crio los hijos contigo
que él fue tu apoyo, cuando herida
lo encontraste y fuiste amada,
esta vez serenamente, poco a poco.
Mamita tu tenías treinta años
cuando te separaste,
cuando después del parto
tuviste una menopausia precoz.
Acabo de pasar por tu edad de entonces
y si pudiera verte, hablarte,
te daría un abrazo grande, grande.
Te hablaría de mi vida,
de mis angustias y mis miedos,
de mis fantasmas derrotados,
me quedaría quieta entre tus brazos
un instante inmenso
como la distancia que nos separa,
me miraría en tus ojos
y te contaría miles de cosas mujer.
Te diría que tu hija nunca te amó tanto
como el día que a su vez tuvo una niña.
Te diría también como junto a otras mujeres
fui descubriendo poco a poco
que esa tu tristeza, que ese tu odio,
tu dolor, tus sonrisas cansadas
e infinitas cosas mas
hacen parte de nuestra opresión.
Te contaría de mi separación en amistad,
de como es posible quererse diferente
sin tener que compartir el mismo techo.
Te diría que no estás sola,
que te admiro, que fuiste fuerte
y que a mi manera te amé siempre.
Te darías cuenta que siendo obrera

ganaste nuestro pan
a cambio de un salario miserable
que te hicieron una obeja sumisa
y que te dieron trabajo
a cambio de no pensar, es claro mamá,
te vieron sola, desesperada, sin salida.
Tu verías que son los mismos
que hicieron de tu hija una exilada,
de nuestro pueblo una triste realidad.
¡Los mismos mujer!
Los que interrumpieron
esa complicidad que comenzaba entre
nosotras, nos acercábamos,
nos empezábamos a entender tranquilamente.
Te diría como entonces
que no encontraba justo cuando comentabas
que aquel minero alcoholico
bebía la comida de sus hijos,
que era mal padre, mal marido,
que no pensaba, que se hundía,
que no quería subir
y que todo era su culpa.
Ahora te diría mas aun, tu entenderías,
yo encontraría las palabras, la paciencia.
Te diría que no pensaba, es cierto,
él vegetaba como se lo imponían,
como muchos, que su copa de vino
le impedía darse cuenta de su miseria,
de su desesperación, de su angustia,
de su explotación no sabida.
Te diría claramente
que es un privilegio de los ricos estudiar,
que si ustedes nos educaron
fue por puro y simple heroísmo, tu lo sabes,
tu sabes de lo mucho que se privaron
para darnos todo aquello que tuvimos.
Te haría poco a poco comprender
que los culpables son aquellos
que me impiden tomar tus manos,
aquellos que en la televisión aparecieron
hablando de literatura
mientras en las cárceles y en las casas
masacran las palabras.
Aquellos que han puesto entre nosotras
continentes y océanos.
Los que impiden que conozcas a tu nieta
sino en fotos cuando llegan...
Los que me han hecho apretar los dientes
cuando necesite de ti, de tu calor.
Tu verías que son los mismos que un día
comenzaron a matar nuestro pueblo
desarmado, los que me obligaron
a quitar mi país avasallado,
los que vi desde el avión del exilio
rondar las pobres casas proletarias,
mientras la cordillera que amo tanto
quedaba atrás por mucho tiempo
con su nieve eterna, impotente,
ensangrentada.
Los que no me dejaron decirte adiós
y que tus tristes ojos vieran
como nunca lo mucho que te amaba.
Tu verías que son los mismos
que me impiden hablarte, besarte,
abrazarte y amarte de cerca MUJER, ellos... 13



Constata-se hoje no Brasil, uma participação cada vez maior das mulheres em lutas reivindicativas, sejam nos bairros ou nas fábricas. Pode-se portanto dizer que existe um movimento de mulheres embrionário, principalmente nas grandes cidades industriais. Este movimento, no entanto, não pode ser caracterizado como feminista, pois sua participação se dá no campo de reivindicações gerais da população, como na luta contra a carestia (Movimento do Custo de Vida), por água, transportes, escolas, creches, postos de saúde, nos loteamentos clandestinos, nas greves operárias, onde em geral, o papel da mulher como esposa e mãe não é questionado.

Estas mulheres, na periferia de São Paulo, se agrupam nos clubes de mães que muitas vezes são ligados a Igreja, nas Sociedades Amigos de Bairro, nas Associações de Donas de Casa.

Quanto ao movimento feminista, o que existe hoje, são grupos de composição basicamente pequeno-burguesa, que reconhecem a especificidade da opressão da mulher, podendo virem a se constituir nos embriões de um movimento mais amplo. Esses grupos são heterogeneos, com respeito a consciência feminista, e tem como denominador comum a dificuldade de articulação das lutas imediatas, que mobilizam as mulheres hoje, com uma estratégia feminista.

Em geral, se dedicam a atividades como Jornais, Boletins, pesquisas, orientação familiar, etc. Alguns grupos fazem trabalho em bairros da periferia ou junto a fábricas, mas de maneira assistemática.

Os grupos mais expressivos são:

SOCIEDADE BRASIL MULHER que publica o Jornal de mesmo nome. Passou por um processo de discussão no 2º semestre de 78, culminando com uma Assembléia Geral, no fim de janeiro de 79, onde saíram os novos estatutos, uma definição geral sobre o feminismo e um Programa para o ano de 79. A sede é em São Paulo, onde parti-

cipam regularmente 25 mulheres e existem núcleos no Rio de Janeiro, Minas Gerais, e Goiás. O Jornal tem uma tiragem de dez mil exemplares, distribuídos nacionalmente.

ASSOCIAÇÃO DE MULHERES que publicava o Jornal **NÓS, MULHERES**, e que depois de discussões efetuadas no 1º semestre do ano passado se dividiu em dois grupos, ficando um deles responsável apenas pelo Jornal. O Grupo que ficou com a Associação se responsabiliza hoje pela publicação de Boletins, Cadernos de Formação, alguns juntamente com o Jornal Repórter de Guarulhos, fazendo trabalho de base em Clubes de mães e junto a um grupo de operárias metalúrgicas. Também publicam o Boletim do SOF - Serviço de Orientação Familiar - assim como outros instrumentos de trabalho para este Organismo, como um Caderno sobre anti-concepcionais. O grupo que ficou com o Jornal "Nos, Mulheres" ainda está em fase de reestruturação, não sabem se vão produzir um Jornal ou Revista com este mesmo nome, mas que se voltará às discussões sobre feminismo.

SERVICO DE ORIENTAÇÃO FAMILIAR - SOF trata-se de um serviço de atendimento popular a nível ginecológico, psicológico e jurídico. Funciona com associadas que pagam taxas muito baixas, e às vezes nem pagam. 95% das associadas do SOF o procuram para obter orientação sobre o uso de anticoncepcionais. As interessadas são convidadas a frequentar um curso que dura 3 sessões, em grupos de 15, onde discutem problemas ligados a fisiologia, métodos anticoncepcionais, etc. Embora cerca de 16000 sócias já passaram pelo SOF, cerca de 2500 frequentam com assiduidade. Utilizam-se para seu trabalho de Boletim e de Cadernos de Formação sobre temas específicos.

CENTRO DO DESENVOLVIMENTO DA MULHER elabora pesquisas sobre a situação da mulher em geral, muitas delas elaboradas em bairros, junto a mulheres de setores pobres. Foram feitas pesquisas sobre saúde materna, Creches, Trabalho feminino e atualmente está em elaboração, um sobre a Participação Política da Mulher. Discutem os resultados das pesquisas em Sociedades Amigos de Bairro e Clubes de Mãe e participam regularmente do Centro, cerca de 25 mulheres.

Todos estes grupos junto com as associações de Donas de Casa e Clubes de Mães da periferia, estão preparando o "I Congresso de Mulheres", em São Paulo para o 8 de março.

O desenvolvimento destes grupos e a penetração da problemática feminista em escala massiva, pela tradução da estraté-

gia feminista na prática, passa hoje por um momento de busca de respostas aos problemas concretos e objetivos que mobilizam as mulheres, considerando seu nível de consciência.



Para tanto, uma grande colaboração é possível de ser dada pela absorção do produto das experiências acumuladas pelo movimento feminista internacional. No entanto, embora todas as reivindicações do movimento feminista internacional sejam atuais, nem todas estão na ordem do dia no Brasil, hoje, no sentido de responderem as situações concretas que sensibilizam as mulheres. E que portanto, possam ser assumidas pelo movimento de mulheres como um todo. É o caso, por ex. da questão do Abôrito, que ligada a opressão sexual que sofrem as mulheres, mesmo sendo atual, ainda não se constitui numa palavra de ordem de ação. Isto devido ao atraso do nível de consciência do movimento, onde é grande o peso da ideologia dominante, veiculada principalmente pela Igreja Católica. Outra reivindicação, importante como o divórcio, apoiada principalmente pelas mulheres de classe média, resultou numa legislação pouco acessível a maioria das mulheres brasileiras, pelo custo elevado do processo judicial, que faz com que a maioria dos casamentos desfeitos nas classes pobres, se deem sem nenhuma legalização. Outro aspecto importante, é o incipiente nível de organização das mulheres e a incapacidade dos grupos feministas de traduzir estas reivindicações para o movimento mais amplo.

Ao nível das lutas hoje, é fundamental dar força aquelas que tiram as mulheres de casa e que as levam para mobilizações coletivas, onde as principais bandeiras são: salário igual para trabalho igual, contra a jornada noturna de trabalho, não dispensa em caso de gravidez e casamento, condições sanitárias nas fábricas, gravidez sem risco com acompanhamento médico adequado, creches, alimentação básica para as crianças com leite de graça e centros de puericultura no bairros. Também se reivindica educação sexual nas escolas, sindicatos, Sociedades Amigos de Bairro, que permita através de formação de grupos, a introdução do deba

te sobre a contracepção, controle familiar, abôrito, discriminação sexual, transformação das leis contra a violência sexual, etc.

Fiz contato, em nome do Circulo com a maioria dos grupos. Para alguns cheguei a mostrar o Audio-visual de Ortogenia. Todos demonstraram interesse de estreitar as relações com o Circulo e precisam de material como audio-visuais, experiências de grupos de mulheres em outros países, textos teóricos, etc. Tenho endereços para estes contatos.

A SOCIEDADE BRASIL MULHER chegou a formular pontos concretos de sugestões e pedidos para colaboração:

1. Situar dentro do Programa e das reivindicações no Brasil (ex. creches, salario igual para trabalho igual, etc.), como o capitalismo consegue ou pode resolver cada questão; as saídas que oferece; relacionando com a situação politica geral, socio-econômica de cada pais; com o nível de luta e organização das mulheres para obterem essas resoluções.
2. matérias, reportagens, textos e livros, etc.
3. principal reivindicação hoje, as creches.
4. Níveis e formas de luta e organização das mulheres, bandeiras de luta em cima de cada realidade, e principalmente experiências de Angola, Moçambique, Guiné e Portugal.
5. Audio-visual sobre contraceptivos; talvez fazer um caderninho a parte, desenvolvendo mais cada método, principalmente sobre a pílula e suas consequências e a relação destes métodos com interesses econômicos mais gerais.
6. Distribuição do Jornal - ampliação de sua distribuição.
7. Montagem de esquema de correspondentes em cada pais.
8. Envio e contatos mais sistemáticos através de cartas, assim como de material sobre a problemática da mulher - textos, jornais, revistas, etc.



Feminismo na universidade

O Centro Acadêmico de Ciências Humanas promoveu a "Semana da Mulher" do 24 ao 26 de outubro 78 na Universidade de Campinas (UNICAMP).

É uma das primeiras vezes que se debate a questão do feminismo numa Universidade. As companheiras definem o feminismo como sendo "o esforço organizado sentido de reunir e mobilizar as mulheres em torno de sua luta contra a sua opressão".

Durante a semana foram apresentados dois filmes: "Dupla Jornada de Trabalho" de Helena Somberg e "Menino e Menina" de Marília de Andrade.

Os temas debatidos atestam o interesse desta iniciativa: Implicações da dupla jornada, a mulher negra e o movimento Negro, o exemplo da creche, a luta pelos direitos trabalhistas, duas experiências de imprensa alternativa: "Nós, mulheres" e "Lampião", a organização da mulher na periferia de São Paulo, a mulher na política estudantil, a mulher na Universidade, a mulher e a cultura e finalmente: sexualidade como instrumento de opressão ou prazer?

Experiências feministas

Saiu o 1º número dos Cadernos da Associação das Mulheres, em fevereiro. O tema escolhido é o movimento de Mulheres na Espanha. O objetivo destes é contribuir para a discussão e aprofundamento da questão feminista. As companheiras da Associação pedem a colaboração do Círculo para os próximos números: França e Itália.

A Associação de Mulheres existe desde 76, quando era mais conhecida sob o nome do jornal que publicava "Nós, Mulheres". Desde aquela época definiu como objetivo desenvolver uma série de atividades junto a mulheres, visando não só difundir mais a luta feminista, como principalmente ampliar esta luta, no sentido de que ela seja cada vez mais assumida por todas as mulheres interessadas objetivamente na sua liberação. O endereço é: Rua Napoleão de Barros, 5589 - Vila Clementino - São Paulo

Livro

Trata-se de um livro que deverá sair como coedição da Editora Oboré, da Associação

de Mulheres e outros que queiram colaborar. A idéia é de fazer um Livro-depoimento sobre o Histórico do movimento de mulheres no Brasil. Seria portanto necessário entrevistar um grande número de mulheres que participaram de movimentos até 1964. Em linhas gerais, as entrevistas obedecem o seguinte roteiro: quando começou a participar, porque, em que entidade, histórico da entidade, estrutura, programa, existência ou não de publicação, conteúdo, movimentos que participou, reação das mulheres em geral frente ao movimento de mulheres, opinião da entrevistada sobre o movimento de mulheres hoje.

A Associação de Mulheres pede a nossa colaboração. As entrevistas podem ser mandadas para o endereço da Associação.



Rio de Janeiro

Congresso da ♀ paulista

A idéia surgiu da Associação das donas de Casa e posteriormente recebeu a adesão de outros grupos. Foi realizado no Teatro Ruth Escobar nos dias 4 e 5 de março e juntou aproximadamente 700 mulheres da Grande São Paulo.

As discussões giraram em torno da desvalorização do trabalho doméstico, os problemas acumulados pelas mulheres que trabalham fora de casa, a necessidade da mulher participar mais ativamente do processo de produção da sociedade, além de um debate sobre a sexualidade.

No final foram levantadas propostas concretas de luta, numa plataforma de encerramento:

- por melhores salários para todos trabalhadores
- pelo direito de greve
- por equiparação salarial de homens, mulheres e crianças

- por melhores condições de vida, moradia e trabalho
- pela profissionalização das mulheres
- pela oportunidade de trabalho para as mulheres casadas
- pela garantia de emprego para a gestante e que as mulheres não sejam obrigadas a provar que não estão grávidas quando vão ser admitidas no emprego
- pelo fim da educação repressiva e diferenciada entre os sexos
- contra o uso de contraceptivos sem assistência médica regular e frequente
- contra o trabalho noturno para ambos os sexos
- que as empresas aceitem pessoas com mais de 35 anos.

- pelo direito de ter os filhos que desejar.
- pela instalação de creches gratuitas, próximas aos locais de moradia e de trabalho.
- pelo direito de se organizar e expressar livremente
- pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita

Três reivindicações serão as bandeiras de luta geral, levada por todos os grupos ali representados, de modo a unificar o movimento neste ano:

- Creches
- Equiparação salarial, por trabalho igual
- Contra o Programa de Prevenção de Gravidez de Alto risco



UM CONGRESSO EM S. PAULO
UM ENCONTRO NO RIO

DIFERENTES MAS NÃO DESIGUAIS



ENCONTRO
NACIONAL
DE MULHERES

DIAS 8, 9, 10, 11, DE MARÇO DE 1979
FACULDADE CANDIDO MENDES
PÇA. N. SENHORA DA PAZ IPANEMA - RIO

PROMOÇÃO CENTRO DA MULHER BRASILEIRA



pele mundo afora



LIBERDADE PARA ISABEL DO CARMO

Algumas mulheres vão ser condenadas por seus atos antifascistas.

Após o 25 de novembro a situação política em Portugal esta cada vez mais a comando da direita e da extrema direita.

Algumas mulheres são presas e serão julgadas por suas posições revolucionárias, por uma justiça que estatui sob as leis do capital e do regime salazarista.

Isabel do Carmo, dirigente política do PRP - BR (Partido Revolucionário do Proletariado - Brigadas Revolucionárias) médica que trabalhava num hospital popular, foi encarcerada com seu filho de 1 ano numa cela de 2m² desde março de 78 e corre o risco de uma pena de prisão de 12 a 18 anos. Acusações sem prova são feitas contra ela.

Uma violenta campanha da imprensa fascista caluniou Isabel do Carmo, tratando-a de "puta" e acusando-a de "ter dormido com os militares para ganhá-los politicamente"...

Ela, assim como suas companheiras, deve ser julgada como presas de "direito comum" (e a imprensa ajudando a isto) e num processo que é POLÍTICO.

SOLIDARIZEMO-NOS COM ISABEL DO CARMO E SUAS COMPANHEIRAS, SEU PROCESSO CONCERNE A TODAS NÓS!

LIBERDADE PARA:

- ISABEL DO CARMO
- MARIA FERNANDA FLORIDO
- MARIA OLIMPIA SOUZA
- MARIA CLARA CABRAL
- MARIA FERNANDA DO CARMO FRAGUAS

Serão feitas atividades em toda a Europa para a liberação das companheiras, em abril.

Para contatos: Círculo de Mulheres Brasileiras - Maison du Brésil - e7 (b) Bd. Jourdan 75014 - PARIS

A LUTA DAS MULHERES NO IRAN

Nos solidarizamos com a luta do povo iraniano contra a Ditadura do Shah e com todas as mulheres iranianas, que provaram mais uma vez o potencial revolucionário do movimento de mulheres.

Ao lado dos homens, nas prisões e em manifestações nas ruas, as mulheres tiveram uma participação ativa no processo revolucionário, ainda em marcha.

Há muito o que fazer. E para as mulheres, na luta contra a sua opressão específica, existem muitos obstáculos a vencer. As instituições tradicionais, entre elas a família, permanecem de pé. E as mulheres começam a ser obrigadas a retornar aos seus papéis tradicionais, fato reforçado pelo peso da religião islâmica na nova ordem social e política estabelecida.

A autonomia do movimento popular e das lutas das minorias oprimidas, como o caso das mulheres, homossexuais e etnias, estão sendo ameaçados a cada dia.

Nos opomos aqueles que querem confundir a luta do movimento de mulheres iranianas com objetivos contra-revolucionários, ou com a obtenção das pseudo-liberações concedidas pelo Shah a uma minoria privilegiada.

Nos solidarizamos assim com a luta das mulheres iranianas contra a sua opressão específica e chamamos atenção de todos os revolucionários e dos que lutam pelo fim da exploração e opressão no Irã para o potencial do MOVIMENTO DE LIBERAÇÃO DA MULHER.



O meu, o teu, os nossos subgrupos



AOS AMIGOS DO REPORTER

O artigo sobre aborto, publicado no número 8 do jornal REPORTER, e uma resposta a esse artigo no número 9 (de mulheres do Recife), suscitou uma animada discussão no nosso grupo de mulheres do CMB em Paris. Embora já faça algum tempo que saíram esses artigos, mesmo assim resolvemos abrir esse debate. (...)

O fato de um jornal hoje se preocupar com o problema do aborto no Brasil é positivo. Entretanto, achamos que o tratamento dado à questão pelo jornal é negativo pois a forma sensacionalista e grotesca que foi adotada não é a melhor maneira de esclarecer todos os aspectos do problema.

(...) Afirmar que a maioria do povo brasileiro não tem condições financeiras de manter um ou mais filhos é colocar mal a questão, pois a questão que nos parece justa é por que a maioria do povo não pode ter um ou mais filhos. E ao invés de tentar remediar a pobreza, temos que atacar as causas que a provocam.(...)

Achamos necessário partir da realidade concreta. O aborto é feito. Quais as condições em que ele é feito é o que nos interessa. Condições materiais, morais e psicológicas.

As condições de atendimento médico e higiene, hoje as piores possíveis, só poderão ser resolvidas à medida em que o aborto for legalizado e fizer parte dos serviços médicos e da Previdência Social. (...) Quanto às condições morais e psicológicas, tais como a vergonha, medo, culpabilidade, pecados inculcados pela igreja, família, sociedade como um todo, só poderão ser transformados num processo(...), que só poderá se dar a partir da organização das mulheres em torno de seus problemas específicos. Antes de ser um problema da lei, da igreja, achamos que a questão do aborto é um problema nosso (das mulheres). (...)

Achamos que a luta pelo aborto livre e gratuito deve ser colocada desde agora. No entanto, enquanto durar essa moral sexual que vai desde o gracejo, beliscão no traseiro, pequenas agressões quotidianas até o estupro, o direito ao aborto é apenas uma das questões a serem levantadas.(...)

Grupo Imprensa
Paris, 17/1/79

19

Pendentes



20

Há mais de um ano, pedimos ao BRASIL MULHER o envio de 200 exemplares a cada número, pois considerávamos viável distribuí-los junto à colônia e a grupos franceses. Entretanto, apenas 30 exemplares são vendidos no interior do Círculo atualmente. Por que temos deixado cair todas as vendas? Será que ignoramos os problemas financeiros do BM, que ainda por cima é quem paga o correio? E o apoio à imprensa feminista, minha gente, divulgando aqui os passos que o movimento vem dando por lá? Para distribuir os jornais é só apanhá-los com a Leninha.

Ainda no armário dos estoques: as pochetes continuam amontoadas, e nós, endividadas. A gráfica até hoje não foi inteiramente paga, e a dívida contraída permanece no nome de uma companheira. Até agora foram vendidas pochetes, num total de 500. Por que caminhos encontrar uma solução? Pro caderninho das sugestões: uma troca de pochetes e jornais entre o Círculo e o BM permitiria uma divulgação recíproca, além de cobrir nos seus gastos. Elas ficariam lá com a receita da venda das pochetes, e nós embolsaríamos o dinheiro da venda dos jornais aqui.

Pra quem ainda não sabe: quase todos os cartazes de solidariedade à imprensa feminista já foram enviados ao Brasil. Restam apenas uns cinquenta!

Alguns filmes foram utilizados na nossa ida à Barcelona. Mas há por volta de 20 minutos a serem rodados. Será que ninguém tem uma idéia original?



ALENCAR, Ana Valdez A.N. de - 1973 - A mulher e as leis do trabalho. Revista de Informação Legislativa, nº 10

BARROSO, Carmem Lucia Melo - 1975 - Este reótinos sexuais: possíveis contribuições da Psicologia para sua mudança. Cadernos de Pesquisa, nº 15

- 1975 - Por que tão poucas mulheres exercem atividades científicas? Ciência e Cultura, nº 27

BLACHMAN, Morris J. - 1973 - Women and Politics: the Brazilian mixture. Cadernos do CERU, nº 6

BLAY, Eva Alterman - 1967 - A participação da mulher na indústria paulistana. América Latina, nº 10

- 1975 - Universitárias e outros tipos de trabalhadoras qualificadas na indústria paulista. Ciência e Cultura, nº 27

- 1978 - Trabalho domesticado. Editora Ática

BOSI, Ecléia - 1972 - Cultura de Massa e Cultura Popular: leituras de operárias. Editora Vozes, Petrópolis -RJ

CAMARGO, Cândido Procopio - 1975 - Catolicismo e família no Brasil Contemporâneo Estudos CEBRAP, nº 12

CARDONE, Marly - 1970 - O trabalho noturno da mulher. Revista Legislação do trabalho, nº 34

CENTRO DE ESTUDO E AÇÃO SOCIAL - 1975 - Empregadas domésticas. Cadernos do CEAS, nº 36

FERREIRA SANTOS, Celia Almeida - 1973 - A enfermagem como profissão: estudo num hospital-escola. Pioneira Ed. da Universidade de São Paulo.

FRAMM, Terezinha - 1968 - Mulher Presente. Editora Vozes, Petrópolis - RJ

LAGENEST, J. P. Barruel de - 1973 - Mulheres em leilão: um estudo da prostituição no Brasil. Ed. Vozes, Petrópolis -RJ

LIMA, Lauro de Oliveira - 1969 - A imaturidade psicológica da mulher. Revista de Cultura Vozes, nº 63

MADEIRA, Felicia R. e SINGER, Paul I. - 1973 - Estrutura do emprego e trabalho feminino no Brasil: 1920 - 1970. Cadernos do CEBRAP, nº 13

MARTINEZ-ALIER, Verena - 1975 - As mulheres de caminhão de turma. Debate e Crítica, nº 5

MURARO, Rose Marie - 1966 - A mulher na construção do mundo futuro. Ed. Vozes, Petrópolis - RJ

- 1970 - Libertação sexual da mulher. Ed. Vozes -Petrópolis

PEREIRA, Luiz -1969 - O magistério primário numa sociedade de classes: estudo de uma ocupação em São Paulo. Pioneira - SP

QUEIROZ, M. Izaura Pereira de - 1968 - Status e papéis socio-econômicos da mulher no bairro de Palmeirinhas, no Sertão de Itapeirica, São Paulo. Cadernos do CERU, nº 1

SAFFIOTI, Heleieth I.B. - 1969 - A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. Editora Quatro Artes, Sao Paulo

- 1978 - Emprego doméstico e Capitalismo. Vozes - Petrópolis - RJ

SINGER, Paul I. - 1971 - Força de trabalho e emprego no Brasil: 1920 - 1969. Cadernos do CEBRAP, nº 3 - Sao Paulo

STUDART, Heloneida - 1969 - A mulher, brinquedo do homem? Vozes, Petrópolis

- 1974 - Mulher, objeto de cana e mesa. Vozes, Petrópolis





O QUE ESTAMOS FAZENDO

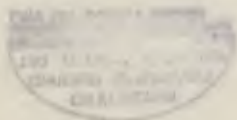
17 de maio - haverá um debate na Maison' du Brésil na Cité Universitaire (7(bis), Bd. Jourdan), às 20, h, a partir de um convite do Comitê de Residentes ao CIRCULO DE MULHERES BRASILEIRAS em Paris. O debate terá por objetivo central, a análise da situação do Movimento de Mulheres no Brasil e o papel do Movimento feminista.

22

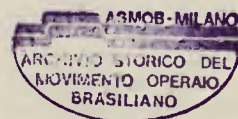
21 de maio - terá início na Livraria Portuguesa, a SEMANA DA MULHER LATINO-AMERICANA, com a presença do Circulo de Mulheres Brasileiras de Paris. A fora o grande interesse em debater a situação atual do Movimento de Mulheres no Brasil, serão debatidos temas ligados ao papel do Movimento Feminista, das lutas específicas da mulher contra a sua opressão. Esta semana tem um significado muito importante para todo o Movimento feminista latinoamericano aqui em Paris, pois além de podermos atingir um público não habitual em nossas atividades, servirá para a divulgação das lutas e reivindicações da mulher latino-americana e para aproximar outras companheiras que aqui estão e desconhecem o trabalho dos grupos feministas latino-americanos.

I N D I C E

IMPRESA FEMINISTA	3
CAMPANHA INTERNACIONAL DO ABORTO	6
UM COMUNICADO QUE FICOU NA GAVETA	10
POESIA	12
ALO BRASIL	14
PELO MUNDO AFORA	18
O MEU, O TEU, OS NOSSOS SUBGRUPOS	19
PENDENTES	20
AGENDA	21



CIRCULO DE MULHERES BRASILEIRAS



Endereço: 7 Boulevard Jourdan
Maison du Brésil
75014 - PARIS

